

Festival

Doclisboa. Guia prático para a acção



Roman Polanski, a Film Memoir
de Laurent Bouzereau
Amanhã, 21h45, São Jorge
Sábado, 27, 19h15, São Jorge

●●● “Roman Polanski, a Film Memoir” é uma conversa prolongada entre o realizador e Andrew Braunschweig, um amigo de longa data e produtor de alguns dos seus filmes, como “Macbeth” ou “What?”. A conversa acontece em 2009, quando Polanski estava em prisão domiciliária na Suíça por enfrentar acusações de pedofilia que recuavam a 1977. O filme revisita a carreira do realizador, desde a infância no gueto de Varsóvia, aos anos de glória cinematográfica na Europa e na América, até ganhar o Óscar de Melhor Filme com “O Pianista”.



Shut up and play the Hits: o fim dos LCD Soundsystem
de Dylan Southern e Will Lovelace
Quinta-feira, 25, Lux

●●● Ver um filme enquanto se dança pode ser uma experiência interessante. Mais ainda quando estamos a falar de uma sessão de cinema no Lux. E mais ainda quando estamos a falar de um documentário sobre o fim dos LCD Soundsystem. “Shut ut and play the Hits” acompanha 48 horas da vida de James Murphy, o líder da banda, do dia do seu último concerto à manhã seguinte. Os LCD Soundystem tocaram pela última vez a 2 de Abril do ano passado em Madison Square Garden. O concerto, com bilhetes esgotados, durou quase quatro horas.



Visões de Madredeus
De Edgar Pêra
Sábado, 20, 22h, São Jorge
Sábado, 27, 16h30, São Jorge

●●● Nesta edição do Doclisboa são cinco os documentários nacionais que integram a secção Heart Beat, dedicada à música. “Visões de Madredeus”, o mais recente filme de Edgar Pêra, abre esta secção no sábado e é o resultado de 20 anos a acompanhar a banda em digressões, concertos e gravações. Os cineastas dos Madredeus estendem-se de 1987 a 2006, da Europa ao Oriente. O realizador afirmou que filmou sempre com “estatuto de amigo do grupo e não de alguém que faz uma reportagem sobre os bastidores da banda”.



Retrospectiva Chantal Akerman
Vários filmes e vários horários. Sugerimos “Là-bas”
Terça-feira, 23, 16h15, Culturgest; Quarta-feira, 24, 22h, Cinemateca

●●● A nova secção Passagens pretende juntar “a saída do cinema para os museus e a entrada do documentário na arte contemporânea”. Aqui encontramos as instalações de Chantal Akerman e obras de Pedro Costa. A realizadora que nasceu em Bruxelas terá ainda uma retrospectiva integral da sua obra, uma parceria com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. Da obra singular de Chantal poderá ver “La Chambre”, um auto-retrato, “Les Rendez-vous d’Anna”, vencedor do Chicago International Film Festival, ou o famoso “Là-bas”, nomeado para o César em 2007.



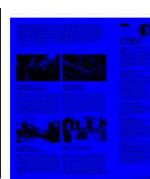
Cinema de Urgência
Vários filmes e vários horários. Sugerimos “Thanassis – A Greek DOGumentary”
Quinta-feira, 25, 19h15, São Jorge

●●● Uma das novidades da edição deste ano do festival é a secção Cinema de Urgência, uma mostra de filmes realizados no contexto de lutas, reivindicações e manifestações dos últimos tempos. “Thanassis – a Greek Dogumentary” mostra-nos a crise na Grécia numa perspectiva canina – e atenção que o cão também vai a manifestações. “Es.CoLa da Fontinha – Espaço Colectivo Autogestionado” conta a história do projecto Es.CoLa da Fontinha e do posterior despejo. Já em “Artigo 45.º”, o realizador Rui Luis recolheu imagens da manifestação de 22 de Março em Lisboa, marcada pela repressão policial no Chiado.



Revision
de Philip Scheffner
Sábado, 21h30, Culturgest
Quinta-feira, 25, 21h45, Londres

●●● No Verão de 1992, um agricultor descobre dois corpos num campo de milho no Nordeste da Alemanha. Pelos vistos os corpos são de dois cidadãos romenos, atingidos por caçadores que dizem tê-los confundido com javalis. O julgamento só começaria quatro anos depois e o tribunal declarou os caçadores inocentes. Em “Revision”, Philip Scheffner reconstrói o crime 20 anos depois, arranja testemunhas e faz as perguntas que o tribunal na altura se esqueceu de fazer. Fala com as famílias das vítimas, que nada sabiam sobre a decisão do tribunal.



O orçamento do festival encurtou 20%, mas ainda assim a programação da décima edição do Doclisboa está recheada de bons filmes para ver. Este ano, o festival de cinema dedicado ao documentário tem três novas secções: Verdes Anos, que privilegia filmes de autores nacionais ainda em formação, Cinema de Urgência, com filmes realizados em contextos de protestos e manifestações, e Passagens, uma mistura entre o cinema e as artes plásticas. Este ano até pode ver o fim dos LCD Soundystem enquanto dança no Lux. Até 28 de Outubro há muitas razões para sair de casa – e os bilhetes (4€) até têm descontos especiais que chegam aos 50%. Fazemos-lhe dez sugestões de filmes para ver

CLARA SILVA clara.silva@ionline.pt



João Pedro Rodrigues

O realizador fala de "A última vez que vi Macau"

Como surgiu a ideia de filmar em Macau?

Tínhamos há muitos anos pensado em ir a Macau e, quando acabei o meu último filme, eu e o João Rui Guerra da Mata decidimos que era a altura certa e concorremos a um projecto de documentários no ICA [Instituto do Cinema e do Audiovisual]. Começou como um documentário e acabou por transformar-se.

Como é que do documentário se chega à ficção?

O filme começou como um documentário porque confrontava as memórias de infância do João Rui, que viveu em Macau nos anos 70, quando era criança. Mas essas memórias infantis são ficções porque são histórias de aventuras dele. Além disso, eu também tinha uma memória do território, apesar de nunca lá ter ido: conhecia-o através do cinema, de livros, da história de Portugal, da pintura... Também tinha uma ficção do que seria Macau, e por isso o filme é um confronto destas duas ficções.

Como foram as filmagens?

Fomos a Macau três vezes, na totalidade foram seis meses, sempre com uma equipa muito pequena: eu, o João Rui, um engenheiro de som, uma assistente, uma tradutora e uma antropóloga.

Uma antropóloga?

Sim, ela já tinha trabalhado em dois documentários meus, chama-se Filomena Silvano. O objectivo é acompanhar um realizador a fazer um documentário. Esse ensaio também vai sair agora em livro com os meus dois documentários e vão também passar na segunda-feira no Doclisboa ["Esta é a Minha Casa" e "Viagem à Expo", na Culturgest, às 16h45].

Como está a ser recebido o vosso filme?

Vimos agora do New York Film Festival e o filme tem sido bem recebido. Estreou no Festival de Locarno, onde tivemos uma Menção Especial do Júri. Também já estivemos no Festival de Toronto, em Vancouver, no Rio de Janeiro e no maior festival asiático, na Coreia do Sul. Ainda está no Festival de Montreal e agora abre o Doclisboa. Estamos contentíssimos.



Vers Madrid (The Burning Bright!)
De Sylvain George
Segunda-feira, 22, 21h30, Culturgest
Quarta-feira, 24, 16h45, Londres

●●● O documentário do francês Sylvain George tem estreia mundial no festival e oferece algumas perspectivas acerca do movimento 15M em Madrid. A 15 de Maio do ano passado, milhares de manifestantes reuniram-se na Puerta del Sol madrilena para protestar contra as medidas do governo e promover uma democracia mais participativa, alheada do domínio dos bancos. Os manifestantes ficaram conhecidos como indignados e deram origem a uma série de protestos pacíficos em Espanha, onde várias praças das principais cidades foram ocupadas durante várias semanas.



A última vez que vi Macau
de João Pedro Rodrigues
e João Rui Guerra da Mata
Hoje, 21h30, Culturgest

●●● João Rui Guerra da Mata viveu em Macau quando era pequeno. São as memórias que tem desse tempo que tenta visitar em "A última vez que vi Macau", co-realizado por João Pedro Rodrigues. A ideia inicial era gravar um documentário sobre a cidade, mas a realidade depressa acabou por se transformar em ficção, já que estamos a falar de memórias. Os realizadores mostram-nos a sua visão do território e acabam por enveredar por uma história policial em que a personagem Candy (interpretada pelo travesti Cindy Scrash) é perseguida.



Les Invisibles
de Sébastien Lifshitz
Amanhã, 16h30, Londres
Terça-feira, 23, 18h45, Londres

●●● "Les Invisibles" conta a história de Maurice, Monette, Lucien e Thérèse. Em comum apenas têm a homossexualidade e terem nascido entre duas guerras. Estas quatro pessoas, agora já idosas, contam-nos no filme como decidiram assumir a homossexualidade num tempo em que a sociedade os rejeitava. Mostram-nos que não tinham medo de nada e relembram a vida rebelde que levaram. O documentário de Sébastien Lifshitz insere-se na secção Investigações, que encara o cinema como um modo de investigação da realidade.



Cesare deve morire
de Paolo Taviani e Vittorio Taviani
Sábado, 27, 21h30, Culturgest

●●● Vencedor do Urso de Ouro no Festival de Berlim este ano, o documentário italiano acompanha os presidiários da cadeia de segurança máxima de Rebibbia, em Roma, enquanto ensaiam a peça de Shakespeare "Júlio César". A peça de teatro não está lá por acaso. A visão dos irmãos Taviani não se centra nos crimes que eles cometeram, mas nas semelhanças e diferenças entre o clássico de Shakespeare e a actualidade. Ora a cores, ora a preto-e-branco para marcar as diferenças entre o palco e os ensaios, o documentário em antestreia tem como mensagem "a arte é a primeira forma de liberdade".